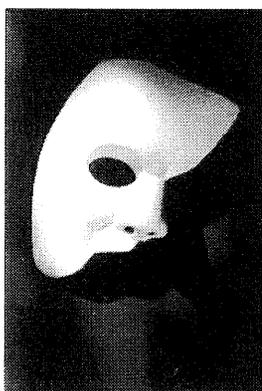


Sentimento de Imortalidade Simbólica e Ansiedade perante a Morte em Toxicodependentes

Estudo comparativo numa amostra de consumidores e não consumidores

Luis Manuel Jesus Loureiro *



O presente estudo pretendeu operacionalizar para o contexto das patologias do consumo, vulgo toxicodependências, a problemática da *ansiedade perante a morte e o sentimento de imortalidade simbólica*. Dado o carácter auto-destrutivo do comportamento dos toxicodependentes como as graves complicações médicas (seropositividade ao HIV, hepatites crónicas, outros distúrbios orgânicos pejorativos) que fazem pairar a sombra da morte e a eventualidade de um fim próximo, observa-se, comparando dois grupos (consumidores/não consumidores), que o consumo poderá ser considerado um factor de redução do nível de ansiedade perante a morte (perspectiva mais positiva da morte), como contribui para a redução do sentimento de imortalidade simbólica (perspectiva mais negativa da vida).

“A melhor forma de entender a morte é associá-la a uma ideia libertina”

M. SADE

Sentimento de imortalidade simbólica e ansiedade perante a morte

O conceito de imortalidade simbólica foi teorizado pelo psiquiatra americano Robert Jay Lifton. Segundo Lifton, este conceito reflecte a tendência universal para a manutenção de um sentimento interno e contínuo de relação simbólica ao longo do tempo e do espaço com vários elementos da vida (LIFTON, 1973).

O sentimento de imortalidade simbólica relaciona-se com a preservação da espécie, onde se joga a sobrevivência (FIGUEIREDO, 1993); fazendo parte do pacto de projecção com o futuro em forma de comunhão, onde o homem reduz a angústia que a perspectiva de morte lhe provoca. Não se trata apenas de um projecto individual, mas faz parte do

processo de socialização, das famílias e grupos, como no projecto histórico colectivo (sociedade). Assume-se como a procura de um sentido para a vida, inscrevendo-se tanto na esperança no futuro, na manutenção da cultura e dos saberes adquiridos pela espécie humana, como no *absurdo* da própria existência humana.

A função simbólica da imortalidade no seu sentido mais imediato apresenta um forte complemento de equilíbrio vital para os indivíduos e grupos, perante a ideia da morte, e engloba uma função pedagógica, no sentido de uma procura constante do equilíbrio psicossocial fundada na esperança e na imaginação centrada na figura humana.

É este o sentido da imortalidade que nos faz reconhecer mortais e nos faz compreender o devir da história e da própria condição humana. “Apresenta-se como um corolário do conhecimento

* Assistente Social, Mestre em Toxicodependências, Assistente na Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca.

da morte e reflecte uma procura universal compulsiva da continuidade simbólica com os que nos deixaram e que virão depois da nossa finita vida individual (FIGUEIREDO, 1993). Esta procura é central ao projecto humano (LIFTON, 1976).

De acordo com Lifton, estas necessidades podem ser expressas de diferentes formas, de acordo com as necessidades individuais e os espectros sociais e culturais onde se desenvolve, certo que estão presentes em todas as pessoas. Lifton designa o sentimento de imortalidade simbólica como cinco modos, nomeadamente, modo *biológico*, modo *criativo*, modo *religioso*, modo *contacto com a natureza* e modo *experiência transcendental*.

O modo *biológico* diz respeito a esse sentimento alargado que o indivíduo estabelece com a família, não só no sentido de linhagem genética directa, mas na longa corrente das relações humanas familiares, significando a necessidade do indivíduo preservar e manter a sua espécie através das gerações. FIGUEIREDO (1993) afirma que o próprio Lifton criticou o simplismo desta noção, dizendo que mais deveria chamar-se “imortalidade biossocial”, dando-lhe um campo mais abrangente que apenas o familiar, incluindo as relações de trabalho, de vizinhança. Esta imortalidade estará na base dos processos de cooperação e estigmatização entre grupos, num fenómeno de representação social e estende-se às diversas relações sociais que o indivíduo mantém, uma vez que o indivíduo está desde o momento em que nasce exposto a este tipo de relações.

A segunda forma de imortalidade simbólica, modo *criativo*, poder-se-á revelar pela produção material, intelectual, invenção (FIGUEIREDO, 1993). A produção criativa, contrária à imitação, terá o efeito de deixar algo para além da morte, na memória e na recordação dos outros indivíduos com os quais se relacionou, ou seja, a transitoriedade da existência é suportada pela produção criativa, que dá sentido à própria existência e permite ao indivíduo a realização individual. Todo o indivíduo é impelido a criar e a produzir dentro do seu âmbito de especialidade, seja como poeta, pintor, trabalhador, etc.

O modo *religioso*: “desde sempre as religiões estiveram no cerne da preocupação do homem com a imortalidade” (FIGUEIREDO, 1993, pág. 43). Justifica-se que o tema da morte e da imortalidade esteja ligado então ao fenómeno religioso. A relação do homem com a divindade é explicada pelos fenómenos externos compartilhados e institucionalizados, como a linguagem, as cerimónias, os sacrifícios, dentro de cada comunidade. As crenças religiosas incluem a noção de que a morte pode trazer a paz e harmonia com Deus, ou a plenitude com o universo.

A quarta forma de imortalidade, modo *continuidade com a natureza*, designa um sentimento de continuidade e comunhão com a natureza. Esta forma genérica de expressão assume expressões notáveis na religião hindu e nas culturas orientais e nas últimas décadas tem sido ressuscitada pela consciência e preocupação ecológicas, relativa à destruição progressiva e acelerada do planeta. “A tomada de consciência dos problemas relacionados com o meio ambiente tem aumentado a um ritmo vertiginoso. Ainda há poucas décadas estes apenas preocupavam uma minoria de cientistas e políticos” (FIGUEIREDO, 1993, pág. 41). Lifton apresenta esta continuidade como a capacidade do indivíduo tem de se relacionar com natureza, com as sensações que acredita serem de paz interior e tranquilidade, de realização espiritual neste contacto.

O último modo, *experiência transcendental*, o indivíduo é impelido, dependendo do seu estado psicológico, a ultrapassar os limites do viver quotidiano. Este modo é radicalmente diferente dos outros, como que uma antítese dos outros modos. Este modo pode ocorrer através da música, dança, atletismo, sexo. Como experiência psicológica, esta experiência pode ocorrer em relação com os outros quatro modos de imortalidade simbólica e de facto pode ser fundamental para integrar qualquer um deles na nossa própria vida. O modo *experiência transcendental* implica a procura de actividades intensas e agradáveis e pode ocorrer em qualquer uma das outras formas, manifestando-se por um sentimento de existência no espaço e no tempo, podendo conduzir ao êxtase, mas enquanto os

outros modos se reportam às conexões do self com o passado ou o futuro, este modo enfatiza a dissolução do Self e está centrado no aqui e agora.

Estas necessidades de imortalidade simbólica explicam o relacionamento entre gerações ao longo do tempo passado e futuro, a transmissão do saber e dos valores, fulcral no processo de socialização, produção e transmissão de bens materiais e espirituais. O homem é na criação o ser que mais consciência tem da sua morte. O aniquilamento total está à vista da sua consciência diária.

Lifton engloba este desejo de imortalidade simbólica como radicado na ansiedade provocada pela perspectiva da morte (LIFTON, 1973). A ansiedade perante a morte é traduzida pela sensação de desconforto perante a morte e o morrer, assente nas dimensões de *desconhecido*, *sofrimento*, *solidão* e *extinção pessoal*. Esta perspectiva antecipatória da morte do próprio está associada aos aspectos:

- pessoal: medo da auto-aniquilação;
- interpessoal: ao nível do grupo mais restrito, a família, grupo de amigos;
- transpessoal: no sentido de culpa e castigo no pós morte, ligado a aspectos religiosos e crenças pessoais (CONTE & WEINER, 1982).

O Campo das Patologias do Consumo – Operacionalização do Modelo

A ansiedade perante a morte e o sentimento de imortalidade simbólica, operacionalizados no contexto das patologias do consumo, emergem associadas ao carácter auto-destrutivo do comportamento dos toxicodependentes comparativamente a outros indivíduos (CHARLES-NICOLAS, 1981a, 1984; 1987; CHARLES-NICOLAS, VALEUR. & TONNELIER, 1982a ; 1982b; CHARLES-NICOLAS & COGUIC, 1984; STANTON; TODD *et al.*, 1994), como às graves complicações médicas (seropositividade ao HIV, hepatites crónicas, outros distúrbios orgânicos pejorativos) que fazem pairar a sombra da morte e a eventualidade de um fim próximo num vivido depressivo (DIAS, 1979; 1980; 1991a; 1991b)

que fere de precariedade, logo de ineficácia potencial, o relacionamento (superficial) que estabelecem com os actores sociais e as instituições que os acolhem.

A afirmação das patologias mais comuns nos toxicodependentes, nomeadamente as depressões, perturbações de narcisismo, o *síndrome borderline*, as problemáticas da adolescência, a depressividade, enfim um vasto conjunto de estruturas mentais que vão da neurose à psicose (DIAS, 1979; DIAS & VICENTE, 1984; DIAS; 1991), contribuíram para um conjunto significativo de estudos nos últimos anos que revelaram entre outros aspectos, que os toxicodependentes “tendem a encarar a morte de forma mais positiva que os seus pares e expressam mais frequentemente desejo de morte que outros doentes psiquiátricos” (STANTON & TODD *et al.*, 1994, pág. 35).

CHARLES-NICOLAS (1991) refere o risco de morte como uma constante nesta população. O mesmo autor introduz o conceito de “*comportamento ordálico*” em analogia com os rituais de alguns povos “primitivos” e em que as cerimónias iniciáticas e os ritos de passagem envolviam directamente um risco de morte. É nesse sentido que aplica o conceito a um conjunto de comportamentos, entre os quais a toxicodependência, que aparecem na adolescência como formas “experimentais” de passagem envolvendo por isso um elevado risco suicidário.

VALLEUR (1987) refere que os toxicodependentes têm consciência do risco que correm na sua vida diária, mas esses comportamentos estão interiorizados e são aceites como factos correntes. Os comportamentos ordálicos tratam-se pois de uma disfração psicopatológica da ordália e numa das suas componentes levam o indivíduo ao risco sério de morte, as provas subsequentes exigidas por estas condutas levam o indivíduo a submeter-se novamente à prova (CHARLES-NICOLAS, 1984), apesar de, como refere este autor, elas existirem em qualquer pessoa, especialmente na adolescência, o que distingue o consumo do não consumo, neste tipo de conduta, é o risco de morte e o progressivo carácter repetitivo (*efeito de nova prova*).

ASSEDO (1990) refere neste sentido que “a morte real não é procurada ou desejada enquanto tal (...) o sujeito põe todo o seu ser em perigo de morte, porque a luta para lhe escapar, dá-lhe uma confirmação da realidade da própria existência” (pág. 126), tornando-se numa “armadilha repetitiva” (VALLEUR, 1987), apesar de, como refere Charles-Nicolas, “as condutas toxicômanas sendo minadas pela autodestruição, têm por objectivo a vida” (CHARLES-NICOLAS & COGUIC, 1984, pág. 50). Esta “viagem empreendida para escapar à morte (na espectacular sociedade) confina com a morte (a toxicidade que se exerce sobre o corpo físico, a letalidade eminente). Esbate-se a diferença entre o suicídio (numa fuga à morte exterior) e o acidente (na procura da morte individual): a decisão pode decorrer de uma diferença de dose” (VIEIRA, 1978, pág. 41). O indivíduo procura pois “ultrapassar os limites do seu ser e arrisca a perda de si, a explosão da sua identidade” (ASSEDO, 1990, pág. 126).

Alguns autores referem esta necessidade inerente de experimentar o risco, ou seja esta relação com a morte, remontando aos *primórdios* da vida psíquica, na relação mãe-filho. Esta conduta serve como *exorcização de feridas antigas*, mostrando que mais do que medo da morte estes indivíduos têm medo da ameaça da morte psíquica (ASSEDO, 1990). Esta relação mãe-filho levar-nos-ia inevitavelmente para a *clássica* discussão da família dos indivíduos (CHARLES-NICOLAS, 1987; DIAS, 1980; STERNSSCHUSS & ANGEL, 1984).

Neste sentido, alguns estudos parecem pois indiciar uma associação entre o início do consumo e as perdas familiares nas famílias de toxicodependentes (STANTOM & TODD *et al.*, 1994; 1989). Os toxicodependentes parecem revelar uma negação e indefinição das emoções no que se refere à família e ao próprio meio. Esta indefinição de emoções tem a ver com os sintomas de desordens psicossomáticos e podem ser caracterizadas, por uma dificuldade de identificação e caracterização dos sentimentos, constrangimento dos processos imaginativos, pobreza de fantasias e, por um estilo cognitivo utilitarista orientado para objectos externos (DIAS, 1979; 1991a; 1991b)

Estudo empírico

Metodologia

Desenho de investigação:

Neste estudo procurámos olhar de forma compreensiva se o comportamento aditivo pode indiciar uma redução no nível de ansiedade perante a morte, bem como nos níveis dos diversos modos do sentimento de imortalidade. Optamos por utilizar um *plano correlacional* por ser em nosso entender o que melhor serve os objectivos desta investigação, comparando para isso dois grupos equivalentes, um de consumidores e outro de não consumidores.

Hipóteses de investigação:

- Indivíduos consumidores apresentam em média um valor mais baixo no nível de ansiedade perante a morte do que indivíduos não consumidores;
- Indivíduos consumidores apresentam em média um valor mais baixo ao nível dos modos do sentimento de imortalidade simbólica do que sujeitos não consumidores;
- Há diferenças ao nível da ansiedade perante a morte e dos modos do sentimento de imortalidade simbólico entre indivíduos do sexo masculino e do sexo feminino em função do quadro consumo e de não consumo;
- Há diferenças ao nível da ansiedade perante a morte e dos modos do sentimento de imortalidade simbólico entre indivíduos do mesmo sexo em função do quadro consumo e de não consumo.

Instrumentos utilizados no estudo:

Neste estudo utilizámos os seguintes instrumentos de medida: a Death Anxiety Scale (DAS) de Templer (TEMPLER, 1970) e o Symbolic Immortality Scale de Mathews e Mister, (MATHEWS e MISTER, 1988).

Relativamente à consistência interna, na sua forma original, a DAS apresentou um coeficiente de 0,76 (Kuder-Richardson Fórmula 20) ao nível da consistência interna. No nosso estudo a mesma

escala apresentou, ao nível de consistência, utilizando o coeficiente Alpha, 0,67.

A Symbolic Immortality Scale (MATHEWS e MISTER, 1988), relativamente à consistência interna, apresentava no modo religioso um Coeficiente Alpha de 0,94, no modo *biológico* 0,83, no modo *contacto com a natureza* 0,83, no modo *criativo* 0,83, no modo *experiência experimental* 0,70. No nosso trabalho, os Coeficientes Alpha encontrados foram, respectivamente: modo *religioso* 0,85; modo *contacto com a natureza* 0,74; modo *criativo* 0,81; modo *biológico* 0,81, e modo *experiência transcendental* 0,68.

Caracterização da amostra:

A amostra foi constituída por 235 indivíduos, sendo 112 não consumidores e 123 consumidores.

Relativamente à variável idade, a média de idades é de 25 anos no grupo de não consumidores (SD = 6,37), com uma idade mínima de 20 anos e máxima de 43 anos de idade. O grupo de consumidores apresenta uma média de 31 anos de idade (SD = 6,26), com um mínimo de 21 anos e uma idade máxima de 46 anos.

Critérios de exclusão:

Foram excluídos do estudo os indivíduos que não preencheram os itens sócio demográficos, bem como aqueles que se esqueceram de preencher três ou mais itens em ambas as escalas.

A caracterização por grupos segundo a variável sexo e estado civil, encontra-se apresentado no Quadro 1.

QUADRO 1 - Caracterização dos sub grupos da amostra. *Variáveis:* Sexo; Estado civil.

Variáveis	Grupo			
	não consumidores		consumidores	
<i>Sexo:</i>	Frequência	%	Frequência	%
Masculino	46	41,1	63	51,2
Feminino	66	58,9	60	48,8
Total	112	100,0	123	100,0
<i>Estado Civil:</i>	Frequência	%	Frequência	%
Solteiro	85	75,9	44	35,8
Casado	14	12,5	38	30,9
União facto	7	6,3	18	14,6
Divorciado	3	2,7	17	13,8
Separado	3	2,7	4	3,3
Total	112	100,0	123*	100,0*

* 2 casos inválidos (1,6%)

Procedimentos:

Administrámos os instrumentos nas duas populações, nomeadamente em sujeitos que à data se encontravam a consumir ou consumiram nos últimos seis meses heroína ou cocaína e num grupo equivalente que respeitava os critérios sócio demográficos preestabelecidos no processo de amostragem nas que nunca consumira.

Utilizamos neste estudo o programa de estatística SPSS 10.0 for Windows da SPSS.

Resultados

Verificados os pressupostos de normalidade e homogeneidade da variância, procedemos à realização do teste de comparação de médias (FERGUNSSON, 1981) entre grupos nas diversas variáveis em estudo e de acordo com as hipóteses levantadas previamente, nomeadamente, a pontuação total da Death Anxiety Scale (DAS), e as pontuações dos diversos modos do sentimento de imortalidade simbólica.

Apresentamos seguidamente o quadro de resultados (Quadro 2) relativos à comparação de pontuações dos grupos de consumidores e não consumidores. Conforme podemos observar pela leitura, encontramos diferenças estatisticamente significativas no nível médio de ansiedade perante a morte [$t = 7,25$; $p = 0,000$] entre o grupo de consumidores e o grupo de não consumidores, sendo que o nível de ansiedade perante a morte é mais elevado no grupo de não consumidores ($\bar{x} = 10,94$; $SD = 2,14$).

Verificamos que no sentimento de imortalidade simbólica, encontramos diferenças estatisticamente significativas no modo *religioso* [$t = 4,640$; $p = 0,000$] sendo a média das pontuações mais elevada no grupo de não consumidores ($\bar{x} = 19,39$; $SD = 3,83$) do que no grupo de consumidores [$\bar{x} = 15,93$; $SD = 6,38$], no modo *criativo* [$t = 4,805$; $p = 0,000$] e também aqui as medias do grupo de não consumidores é mais elevada [$\bar{x} = 24,41$; $SD = 3,59$]. No modo *biológico* encontramos diferenças estatisticamente significativas [$t = 6,769$; $p = 0,000$] apresentando os não consumidores uma média superior ($\bar{x} = 26,57$; $SD = 2,73$).

QUADRO 2 – Resultados do Teste t de Student. *Variáveis Dependente*: pontuação total da DAS e pontuações dos modos do sentimento de Imortalidade Simbólica; *Variável Independente*: grupo de consumidores e não consumidores.

Variáveis	Grupo	N	\bar{x}	SD	t	Sig.
Ansiedade perante a morte	não consumidor	112	10,94	112	7,255	0,000
	consumidor	123	8,56	123		
Religioso	não consumidor	112	19,39	112	4,640	0,000
	consumidor	123	15,93	123		
Contacto com a natureza	não consumidor	112	23,94	112	0,189	ns
	consumidor	123	24,04	123		
Criatividade	não consumidor	112	24,41	112	4,805	0,000
	consumidor	123	21,88	123		
Biológico	não consumidor	112	26,57	112	6,769	0,000
	consumidor	123	24,01	123		
Experiência Transcendental	não consumidor	112	24,23	112	1,597	ns
	consumidor	123	23,51	123		

Seguidamente procedemos à realização do mesmo teste, mas ao nível da variável sexo, para o grupo de não consumidores e para o grupo de consumidores (Quadro 3).

Conforme podemos verificar, encontramos diferenças estatisticamente significativas na pontuação total da DAS entre os indivíduos do sexo masculino e feminino no grupo de não consumidores [t = 12,171; p = 0,000] sendo que os indivíduos do sexo feminino apresentam um valor médio de ansiedade perante a morte mais elevado [\bar{x} = 12,27; SD = 1,55] do que do sexo masculino [\bar{x} = 9,04; SD = 1,24], e ao nível dos modos do

sentimento, só no modo *biológico* encontramos diferenças estatisticamente significativas [t = 3,477; p = 0,001] apresentando os sujeitos do sexo masculino o valor médio das pontuações no modo mais elevado [\bar{x} = 27,54; SD = 2,08] do que as do sexo feminino [\bar{x} = 25,89; SD = 2,93].

No grupo de consumidores encontramos diferenças estatisticamente significativas ao nível da pontuação total da DAS (t = 6,05; p = 0,000), apresentando os indivíduos do sexo feminino o valor médio mais elevados [\bar{x} = 9,96; SD = 2,09].

Ao nível do sentimento de imortalidade simbólica encontramos diferenças estatisticamente

QUADRO 3 – Resultados da aplicação do Teste t de Student. *Variável Dependente*: pontuação total da DAS e pontuação dos modos do sentimento de Imortalidade Simbólica; *Variável Independente*: sexo - grupo de não consumidores e consumidores

Variáveis	Grupo	Grupo de não consumidores					Grupo de consumidores				
		N	\bar{x}	SD	t	Sig.	N	\bar{x}	SD	t	Sig.
DAS	Feminino	66	12,27	1,55	12,171	0,000	60	9,96	2,09	6,05	0,000
	Masculino	46	9,04	1,24			63	7,23	2,86		
Religioso	Feminino	66	19,39	3,52	0,976	ns	60	17,56	6,36	2,84	0,005
	Masculino	46	18,65	4,23			63	14,38	6,04		
Contacto com a natureza	Feminino	66	23,42	3,48	1,736	ns	60	25,30	3,75	3,69	0,000
	Masculino	46	24,69	4,02			63	22,84	3,61		
Criatividade	Feminino	66	24,27	3,09	0,459	ns	60	23,03	3,39	2,97	0,004
	Masculino	46	24,60	4,24			63	20,71	4,95		
Biológico	Feminino	66	25,89	2,93	3,477	0,001	60	24,48	3,42	1,75	ns
	Masculino	46	27,54	2,08			63	23,53	2,49		
Experiência Transcendental	Feminino	66	24,66	4,32	1,438	ns	60	23,46	2,78	-0,189	ns
	Masculino	46	23,60	3,44			63	23,55	2,56		

QUADRO 4 – Resultados da aplicação do teste t de Student. *Variável Dependente*: pontuação total da DAS e pontuação dos modos do sentimento de Imortalidade Simbólica; *Variável independente*: sexo masculino - consumidores e não consumidores / sexo feminino - consumidores e não consumidores

Variáveis	Grupo	Sexo masculino					Sexo feminino				
		N	\bar{x}	SD	t	Sig.	N	\bar{x}	SD	t	Sig.
DAS	não consumidor	46	9,04	1,24	4,455	0,000	66	12,27	1,55	6,970	0,000
	consumidor	63	7,23	2,86			60	9,96	2,09		
Religioso	não consumidor	46	18,65	4,23	4,338	0,000	66	19,39	3,52	1,966	0,052
	consumidor	63	14,38	6,04			60	17,56	6,36		
Contacto com a natureza	não consumidor	46	24,69	4,02	2,478	0,015	66	23,42	3,48	-2,898	0,004
	consumidor	63	22,84	3,61			60	25,30	3,75		
Criatividade	não consumidor	46	24,60	4,24	4,290	0,000	66	24,27	3,09	2,134	0,035
	consumidor	63	20,71	4,95			60	23,03	3,39		
Biológico	não consumidor	46	27,54	2,08	8,989	0,000	66	25,89	2,93	2,473	0,015
	consumidor	63	23,53	2,49			60	24,48	3,42		
Experiência Transcendental	não consumidor	46	23,60	3,44	0,051	ns	66	24,66	4,32	1,868	ns
	consumidor	63	23,55	2,56			60	23,46	2,56		

significativas, no modo *religioso* [$t = 2,84$; $p = 0,005$], no modo *contacto com a natureza* [$t = 3,69$; $p = 0,000$] bem como no modo *criatividade* [$t = 2,97$; $p = 0,004$]. Em todos os testes que encontramos diferenças estatísticas significativas as pontuações médias são superiores no sexo feminino.

Procedemos ao cálculo do teste t comparando os indivíduos do sexo masculino, consumidores e não consumidores e o mesmo procedimento para os sujeitos do sexo feminino (Quadro 4).

A leitura do quadro permite-nos verificar diferenças estatisticamente significativas entre as pontuações médias da DAS, e de todos os modos do sentimento da imortalidade simbólica, à excepção do modo *experiência transcendental*, em ambos dos grupos de consumidores e não consumidores do sexo masculino e consumidores e não consumidores do sexo feminino.

Discussão dos resultados

Como podemos verificar ao nível das patologias do consumo, os resultados confirmam a primeira hipótese por nós levantada previamente. De facto existe evidência suficiente para afirmar que indivíduos com história de consumo encaram a morte de forma mais positiva (menos ansiedade perante a morte) que os indivíduos que nunca consumiram para um nível de significância de 0,000,

o que vem de encontro aos resultados de outros estudos (STANTON; TODD *et al.*, 1994; CHARLES-NICOLAS, 1991).

Converge para esta análise a compreensão do próprio conceito de *comportamento ordálico*, ou seja, o risco de comportamento suicidário crónico e que se traduz por uma redução progressiva do medo da morte, onde a overdose corresponde a um desejo frequente de experimentar a morte. Parece-nos pois que no caso das dependências o risco de overdose contínuo demonstra um reduzido medo face à proximidade da morte, facto que é suportado pelo “efeito de nova prova”.

A hipótese de que os indivíduos com história de consumo apresentam valores médios mais baixos, nos diversos modos do sentimento de imortalidade simbólica, é igualmente confirmada apenas ao nível do modo *religioso*; modo *criatividade*, e modo *biológico*. Estes resultados vêm ao encontro de alguns trabalhos efectuados (DIAS, 1980, 1988; BERGERET, 1980).

A observação destes valores parece convergir para o facto dos toxicodependentes apresentarem um deficitário processo de identificações sócio cultural, e que é frequentemente traduzido pela ausência e empobrecimento de perspectivas de vida “como se os estímulos externos jamais se pudessem adaptar ao perfil básico dos seus ideais” (DIAS, 1980, pág. 204). O “registo simbólico permanece inacessível à consciência e à comunicação com os

objectos com importância simbólica, daí a importância de excitantes do imaginário” (BERGERET, 1980, pág. 158). A toxicod dependência poderá aproximar-se da doença da «anidealidade» (LUQUET cit. in DIAS, 1980) como referiu Dias, ou seja a partir do momento que os mecanismos de imortalidade simbólica, que funcionam normalmente como factores de equilíbrio psicossocial do individuo, nos toxicod dependentes a “impossibilidade do trabalho preliminar necessário à obtenção de uma identidade (...) leva a uma paragem no sistema do Super Eu/Ideal do Eu (...) Assim a tensão entre ideal do Eu e Eu que desemboca numa incapacidade do Eu em satisfazer o ideal do Eu por uma adaptação à moratória disponível, provoca no toxicod dependente um sentimento intenso de frustração que não é susceptível de sublimação e que facilita a aquisição de uma identidade não adaptativa” (DIAS, 1988, págs. 135-136).

Os dados permitiram-nos confirmar a 3.^a hipótese, ainda que parcialmente, observamos diferenças significativas nos valores médios da ansiedade perante a morte e no modo *religioso*, *contacto com a natureza e criatividade* entre sexos nos consumidores.

É sabido que depois dos anos 60 da existência de ideologias próprias dos consumidores de drogas, caracterizados no famoso triângulo “*peace and love – not war*”. Esta ideologia encontra a sua prática sobre a forma de uma procura activa e criativa de um meio a-conflitual, isto é, separado das culturas urbanas dominantes. Parecem indiciar um desejo de retorno ao mundo sem conflitos e ansiedade, “resposta positiva” em enquadrar a experiência do quotidiano.

O facto dos inquiridos consumidores do sexo feminino apresentarem maior medo da morte, e valores médios mais elevados nos três modos do sentimento de imortalidade simbólica, parecem ir de encontro de uma questão: *a natureza do feminino*, cujo corpo imaginariamente encarregado da reprodução se ressignifica através da projecção na Mãe Natureza (contacto com a natureza; criatividade), como se esta corresponde-se aos aspectos internos mais saudáveis da mente dos toxicod dependentes.

A 4.^a hipótese do estudo, que se pretendia como resumo do conjunto de hipótese levantadas previamente, foi igualmente confirmada. Ambos os individuos do mesmo sexo apresentam diferenças estatisticamente significativas (consumidores/não consumidores), à excepção do modo *experiência transcendental*. Em ambos os grupos não encontramos diferenças significativas neste modo.

Ao nível dos outros modos e da própria DAS, parece-nos pois existir evidência suficiente para afirmar que o consumo (toxicod dependência) contribui para a redução do sentimento de imortalidade simbólica bem como para a redução no nível de ansiedade perante a morte.

Conclusões

I. A função simbólica da imortalidade apresenta no seu sentido mais imediato, um deficitário complemento no sentido de equilíbrio vital para os doentes da dependência. Quando comparados com outros individuos não consumidores, conclui-se que o toxicod dependente é um individuo sobre investido narcisicamente revelando um *déficit* no plano do imaginário (baixa criatividade; baixo sentimento religioso; baixo sentimento biológico).

II. Numa personalidade em que os ideais de Eu estão quase ausentes, favorecem-se os comportamentos de risco, baixas expectativas em relação à vida, desejo frequente de morte encarando-a c.e forma mais positiva, quando comparados com outros grupos não consumidores.

Bibliografia

ASSEDU, Y. (1990) – De l'angoisse à la jouissance dans les conduites de risque. *Revue Française de Psychanalyse – Plaisir et jouissance*, Chemins et détours, LIV, n.º1, Janvier-Février, 120-132.

CHARLES-NICOLAS, A. & VALEUR, M. (1982a) – Les conduites ordaliques. In OLIVENSTEIN (Dir.) *et al. La vie du toxicomane*, (82-89). Paris, PUF.

- CHARLES-NICOLAS, A.; VALEUR, M. & TONNELIER, H. (1982b) – Enfance et drogue. *Psychiatrie de l'enfant*, XXI, 1, 207-253.
- CHARLES-NICOLAS, A. & GOCUIC, C. (1984) – Clinique des toxicomanies. In BERGERET, J. Leblanc (org). *Précis de toxicomanies*, (41-52). Paris, Masson.
- CHARLES-NICOLAS, A. (1987) – La dépendence psychologique et ses traitements. *Science&Vie*, 160, Septembre, 78-85.
- CHARLES-NICOLAS, A. (1987) – Toxicodependências e patologia do narcisismo. In J. BERGERET, W. Reid (Org.) *Narcisismo e Estados-limite*, (163-182). Lisboa, Esher.
- CONTE, H & WEINER, M. (1982) – Measuring death anxiety: conceptual psychometric, and factor analytic aspects. *Journal of Personality and Social Psychology*, (Vol. 43) n.º 4, 775-785.
- DIAS, A. (1979) – *O que se mexe a parar: estudos sobre droga*. Porto, Ed. Afrontamento.
- DIAS, A. (1980) – *A influência relativa dos factores psicológicos e sociais no evolutivo toxicómano*. Tese de Doutoramento. Coimbra.
- DIAS, A. (1979) – *Para uma Psicanálise da Relação*. Porto, Ed. Afrontamento.
- DIAS, A. (1991a) – *Ali Bába. Droga: uma neurose diabólica do século vinte*. Lisboa, Escher.
- DIAS, A. (1991b) – A depressão e estado-limite na adolescência. In J. BERGERET, W. Reid (org) *Narcisismo e Estados Limite*, (53-59). Lisboa, Escher.
- DIAS, A. (1995) – *(A) Re-Pensar*. Porto, Edições Afrontamento
- DIAS, A. & MONTEIRO J. S. (1998) – *Eu já Posso Imaginar que faço*. 2ed. Lisboa, Assírio & Alvim.
- FERGUNSON, G.A. (1981) – *Statistical analysis in psychology and Education*. 5th. New York, McGraw-Hill.
- FIGUEIREDO, E (1993) – *Angústia Ecológica e o Futuro*. Lisboa, Ed. Gradiva.
- LIFTON, J. R. (1976) – *The life of the Self*. New York, Touchstone.
- LIFTON, J. R. (1973) – The sense of Immortality: on death and the continuity of life. *American Journal of Psychoanalysis*, 33, 3-15.
- TEMPLER, D. I. (1970) – The construction and validation of a death anxiety scale. *Journal of General Psychology*, 82, 165-177.
- THOMPSON M. L. (1977) – Symbolic Immortality, A new approach to the study of death. *Media and methods*, 13 (6), 60-64.
- STANTOM, M. & TODD, T. et al. (1994) – *Terapia Familiar del abuso y addiction a las drogas*. Barcelona, Gedisa.
- STERNSCHUSS, S. & Angel P. (1984) – Toxicomanie et sa famille. In J. BERGERET, J. LEBLANC. *Précis des Toxicomanies* (193-199). Paris, Masson.
- VALLEUR, M. (1987) – Hédonisme. Ascèse. Ordealie. In C. OLIVENSTEIN (Org). *La clinique du toxicomane*(45-59). Paris, Ed. Universitaire.